Aveiro, 10 de Setembro de 1960 • Ano Sexto • Número 307

Litoral

SEMANÁRIO

DIRECTOR E EDITOR — DAVID CRISTO • ADMINISTRADOR — ALFREDO DA COSTA SANTOS
PROPRIETÁRIOS — DAVID CRISTO E FRANCISCO SANTOS • REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: EM «A LUSITÂNIA», R. DE HOMEM CRISTO, 20 — TEL. 23886 — AVEIRO

Nestes nossos tempos de

MÍSSEIS e SATÉLITES

COM a pupila dilatada pelo seu divertido hipercriticismo, o jocoso Pitigrilli atenta nos «germes de putrefacção» que a imprevidente pena de numerosos escritores de há uns bons cinquenta anos disseminou por laudas de ficção. E cita como expressivo exemplo aquele passo duma novela escrita no dealbar do século pelo genial D'Annunzio, em que, *ele* e *ela*, num confortável e velocíssimo automóvel, correm como loucos: a vinte quilómetros horários! *Ela*, insatisfeita, grita para o condutor: «Mais depressa! Mais depressa!» E *ele* força a máquina até os vinte e cinco quilómetros! Mas, ébria já da vertigem, *ela* insiste: «Mais rápido! Mais rápido!». E *ele*, indiferente ao perigo, enfrenta todos os riscos: o ponteiro do conta-quilómetros toca finalmente a marca dos trinta à hora!...

Ora nós receamos que os filhos ou os netos da actual geração venham a engordar o seu anedotário com as nossas exclamações de assombro ante os números que registam as velocidades dos misseis e satélites com que o homem de hoje está a desvirginar a integridade celestial das superatmosferas. Bem poderiam rir-se — os patifes — da nossa ingenuidade, nas horas de lazer que lhes for dado gozar em vilegiaturas lunares ou marcianas...

E' incontestável, porém, que a Humanidade está prestes a retrair-se de *avançar*, ao ritmo de umas centenas de quilómetros à hora, para começar *a subir*, com a pressa de trânsfuga atormentado de pavor, à razão de milhares de quilómetros por minuto: a uns escassos setecentos anos do dia em que, segundo os cálculos feitos sobre estatísticas de natalidade, mal hão-de caber de pé sobre a crusta deste mesquinho planeta os seus aflitos ocupantes, parece lícito que os desgraçados procurem na verticalidade os caminhos de vida que a horizontalidade a breve trecho lhes negará. Sòmente: os nossos filhos, ou os filhos dos nossos filhos, medindo os setecentos anos pela craveira astronómica dos astronómicos números que serão de sua aritmética, hão-de computar em eternidade os sete séculos que nos separam do temido congestionamento terráquio; e, lùcidamente descrentes da nossa previdência a tão longo prazo, escorgitarão melhores razões determinantes da febril actividade com que espremeuos, da técnica e da ciência, o suco que damos de alimento ao insaciável progresso. E então — os patifes — assestando o seu fidelíssimo detector de sinceridade ao pensamento dos progenitores, descobrirão, sem grande esforço, não serem os receios duma superlotação humana, nem o filantrópico desejo de humano conforto, nem o imperativo moral de revelar e engrandecer a Deus pela humana carcaça, o móbil de tantas canseiras — mas simplesmente, e abominàvelmente, a ambição duma odiosa supremacia que os *de lá* intentam alcançar sobre os *de cá* duma imaginária «cortina» que passou a substituir o hipotético eixo à roda do qual os antigos faziam girar o Globo, onde quase não pesa e tanto se estorce o insignificante bicho-homem. E hão-de concluir — os patifes — que a ascese pela qual os avoengos se empenharam, para dar com o corpo na Lua ou em Marte, lhes arrastou diametralmente a alma até o âmago da selva ou até a lura que o seu primevo irmão cavernícola há muito abandonou.

Estas lucubrações aferraram-se-nos à mente numa destas límpidas noites em que contemplávamos o famoso satélite «Eco», coisa que nos subjuga lá do alto — muito de alto sobre as nossas cabeças — com a sua luz volante a riscar o azul e a sua passiva eloquência a devolver para a Terra todas as palavras de raiva dos seus risonhos e humanos criadores.

Por ironia, estávamos encostados à ombreira da porta dum edifício camarário, buraca cuja abertura há meses se iniciou em muro desalinhado, onde a veneranda Edilidade não deixaria pôr chapada de cal ao mais devotado dos munícipes.

Aquela obra é bem o símbolo da abençoada pachorra que a digna Vereação sàbiamente opõe às vertigens que dementam os homens nesta segunda metade do século — como se a própria lesma retardasse o seu lesmático caminhar, na gozosa expectativa de assistir ao embate de um bólide contra um penhasco. Sobre esta prudente atitude camarária, sublinhe-se a generosa benemerência de fazer rir o cidadão passante, que paga de boamente a taxa e o imposto a troco de tão divertido espectáculo da mândria assalariada. Só não compreendemos por que estranho motivo, com tão excelentes determinações e exemplos de cauta lentidão, saiem da Casa Municipal de-

Continua na página 2

ADIOS GALICIA

pelo DR. QUERUBIM GUIMARÃES

REGRESSO a esta nossa linda terra, linda por ser nossa, linda porque a Natureza a adornou de galas que noutra parte não se encontram fàcilmente.

Os turistas que a visitam, nacionais ou estrangeiros, notam-lhe esta particularidade-tipo: duplo de pequena urbe, terra provinciana, mas a crescer em grandeza, já com sinais evidentes, logo à entrada da cidade, na sua Avenida principal — que a audaciosa resolução de Lourenço Peixinho levou a cabo entre espinhos que por vezes lhe rasgaram fundo o corpo (oh! o amor ao que está, à rotina dos anos, à costumeira de sempre, o protesto saudosista contra o que vem alterar hábitos e interesses envelhecidos...) — sinais evidentes, dizíamos, de verdadeira capital de uma província ribeirinha, visivelmente destacada, no seu facies geo-físico-político-social, da Beira-Litoral da actual divisão administrativa a que pertence, província que se estende, nesta faixa litoral, até as areais da periferia portucalense que o Douro comanda e domina.

Todos os que por aqui passam, ou aqui se fixam, se para aqui vêm em funções públicas, ou dela se recordam com saudade quando daqui são forçados a sair, ou dela falam com simpatia verdadeira, que não é lisonja, mas franca expansão do seu sentir, e que a nós — aos que de Aveiro somos, ou porque aqui nascemos, ou porque aqui vivemos, sempre porque a amamos — nos enche de orgulho e satisfação.

Tenho encontrado lá por fora — por onde vagamundeio por vezes, nesta quadra de férias — portugueses, de Portugal distante, continentais, insulares e ultramarinos, e estrangeiros, espanhóis e franceses, que são os que mais nos visitam e de cuja língua não me sinto tentado a afastar, tantos deles conhecedores de Aveiro, louvando, como sendo de encanto, esta terra atlântica, cantando a beleza da sua paisagem original, a atmosfera de maresia que aqui se respira, o inegualável panorama da Ria na quadra estival da faina salineira, e, sobretudo, a luz, esta claridade bendita de um sol amigo, que nos delicia e nos não queima a pele.

E sempre nessas confidências de momentos rápidos, em encontros fortuitos, fora da terra portuguesa, quando declinamos a nossa identidade e de Aveiro nos declaramos, o que mais se ouve cantar, é a beleza da nossa Ria e o feitiço sedutor da luz solar que a laguna — espelho vivo onde os dois astros luminosos debruçam seus raios, em cambiantes de deslumbramento, nas auroras ou ocasos do sol ou na metálica fulguração prateada das noites de luar — refracta, espargindo a luz por todos os recantos citadinos, pelos trechos periféricos da cidade ou pela larga planície aquática que se estende em léguas de superfície.

Recordo, a propósito, a admiração pelo inédito desta paisagem a que a laguna dá realce de misticismo panteísta, traduzida em espontâneas e vibrantes exclamações dos intelectuais hispano-franco-belgas que António Ferro, o fundador do Secretariado de Turismo e Informação, aqui nos trouxe um dia. Quando, ao fim da jornada, a Câmara Municipal presenteou os hóspedes com um «Porto de honra» e um «five o'clock tea» no Parque, isso, banal para eles por tantas e repetidas atenções destas em visitas idênticas, mais lhes fixou na estima deslumbrada pelo contraste o quadro majestoso desta dulcificante paisagem que a pródiga Natureza nos ofertou na obra da Criação.

A Galiza, que é a mais próxima e a mais irmã de todas as províncias espanholas — o

Continua na página 4

MÊS de Agosto — mês de fartura de peixe! Não consta, nos registos da Lota de Aveiro, que o valor do pescado tenha jamais atingido, em trinta dias, tal como sucedeu em Agosto findo, o considerável montante de mais de sete mil contos. A gente das traineiras rejubilou com a santa abundância: para cima de cem mil cabazes de sardinha, carapau e chicharro! Só à sua parte, a traineira «Divor» recolheu cinco mil cabazes de peixe!

Foto de JAIME BORGES

MÍSSEIS E SATÉLITES

Continuação da primeira página

cididos e delirantes projectos de pulverizar... atòmicamente, sobre o milenário chão aveirense, uns poucos séculos de modesta mas típica e respeitável arquitectura, no manifesto intuito de sobre ele edificar uma cidade moderna — que, afinal, viria a ser incaracterística réplica de outras banais cidadezinhas que pretensiosamente ambicionassem acertar o passo, trôpego passo, com as grandes urbes agora nascentes sob o signo e as imprevisíveis exigências da decorrente era dos mísseis e dos satélites.

A dolorosa verdade é que as minguadas disponibilidades do erário do Município — que em cada ano se cifram num montante igual a metade do ridículo custo de um pequeníssimo e efémero avião a jacto — não aconselham outro lógico caminho que não seja o de deixar caminho aberto a uma disciplinada iniciativa particular. As portentosas expropriações para dilatar ou abrir vastos rossios, e os atinentes trabalhos para efectivar tão ambiciosos empreendimentos, só poderiam concretizar-se com os mesmos filosóficos vagares com que se vem realizando, ante o lúzio divertido do município, a abertura da aludida porta camarária em tosca e tortíssima parede.

A dolorosa verdade é que os anteprojectos urbanísticos, linha e forma de sonhadas idealidades, arrastam-se de tal modo pelas ronceiras vias burocráticas, que a respectiva aprovação servirá apenas para firmar um papel histórico de desactualizadas perspectivas e o documento autêntico de vultosos e inúteis dispêndios.

A dolorosa verdade é que as técnicas, em sua geométrica progressão, envelhecem, do dia para a noite, muitos arrojados planos.

Daí que o mais inteligente urbanismo terá de processar-se, não sobre ruínas provocadas, mas com o aproveitamento do que mereça sobreviver e ao lado das estimáveis sobrevivências. Que na cintura das velhas urbes a modernidade afirme os seus direitos; mas numa coexistência pacífica e harmoniosa — íamos dizer: reverente — com o calhau que os nossos pais talharam, a seu gosto e proveito, para o seu lar e para o lar dos seus filhos e dos filhos dos seus filhos.

A dolorosa verdade é que as largas artérias e as vastas praças hoje imaginadas para um tráfego futuro inimaginável, que se porfia em rasgar, à cadência arrastada de orçamentos pelintras, sobre o dorso dos vetusto conglomerados populacionais, ficarão, talvez, ao espargir do último balde dum asfalto que, porventura, então já se não use, na risível proporção dos caminhos de cabra ou dos adrozitos das capelas aldeãs.

Deixem-se às *Ruas Direitas* as tortuosidades que aparentemente contraditam o seu nome — são relíquias dum passado onde presentemente ainda se pode viver; deixe-se a Capitania dobrar, no espelho das águas, o prestígio da sua jurisdição sobre as águas...

... E *desodorize-se* a Ria; e dê-se urgente fim às angustiantes passagens-de-nível; e emudeçam-se, de vez, os infernais ruídos, a desoras, das motorizadas e dos festivos morteiros citadinos; e higienizem-se os abastecimentos da carne e do leite...

... que a cidade nova crescerá por si, denvolta e a abraçar filialmente, e sem dementadas euforias, a velha cidade, na regra de escalonadas épocas e arquitecturas, que serão o testemunho das sucessivas exigências coevas das eras sem mísseis e sem satélites e das épocas de todos os sucessivos satélites e mísseis — com que, oxalá, o homem afirme, em vez do seu orgulho, aquele humildado assombro ante o Supremo Aquitecto que lhe confiou cérebro e mãos para desbravar todas as rotas aos seus legítimos destinos...

... Que será esse o único assombro de que jamais poderão rir-se os nossos filhos, os filhos dos nossos filhos, os netos dos nossos filhos...

O Modernista e o Clássico

Continuação da última página

olhava-o com uma espécie de compaixão freudiana.

Responde:

— Para acabarmos com estas baboseiras de modernismos, quero fazer-lhe sòmente esta observação: quando falei, há pouco, na minha contradição à Arte Moderna, não queria abrangê-la no geral, no seu todo, mas sim em parte. Por essa falta, ligada ao costume de palrar sobre assuntos sem interesse, peço-lhe mil perdões. Mas... repare. Vê aquele rapaz ali ao canto? Que lhe parece a sua figura? Viril? Não, claro. Que lhe lembra? Não sabe? Eu lhe digo: um intolerável bobo transformado num irreverente-espiritual com os seus desacatos e tropelias de menino... modernista. E porquê? Porque foi tocado pelos modernismos. Porque o homem, como acontece com todas as coisas, utiliza-os em todos os campos da sua actividade. Modernista é ser afectado de maneiras, de moral, de inteligência. Modernismo, modernismo... Com ele veio a ridicularização do ser humano com berrantices e exibicionismos nada viris. E estas berrantices e esses exibicionismos estão ligados à Moral. Moral que «ela» ridicularizou e esfumou. Moral que está ligada a uma faceta, a que mais ataco, das partículas que formam o globo da Arte Moderna. Porque, quer queira, quer não, tudo foi atacado pela Arte Moderna.

Tudo foi atacado por esse novo Etna: a política, a pedagogia, o amor, a religião... E, em prol de uma maior entreajuda entre a Arte Moderna e o ressurgir de uma possível Moralidade, o velho clássico, que neste caso sou eu, oferece um cálice de *Porto* ao jovem modernista.

Manuel Pereira Gamelas

Ministério das Comunicações

Junta Central de Portos

Junta Autónoma do Porto de Aveiro

Concurso público para arrematação da empreitada de «construção da Rua T e troço da Rua C do Porto Bacalhoeiro de Aveiro»

Faz-se público que no dia 20 de Outubro de 1960, pelas 15 horas, na sede da Junta Autónoma do Porto de Aveiro, situada em Aveiro na Avenida Dr. Lourenço Peixinho, 110-2.º, perante a Comissão para esse fim nomeada, se procederá à recepção e abertura de propostas para arrematação da empreitada acima mencionada.

Para ser admitido a concurso é necessário efectuar na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações o depósito provisório de 8 514$50, mediante guia passada pelo próprio, à ordem do Engenheiro-Director do Porto de Aveiro.

O depósito definitivo será de 5%, do valor da adjudicação.

O processo do concurso está patente, todos os dias úteis, dentro das horas de expediente, na sede da Junta Autónoma do Porto de Aveiro.

Junta Autónoma do Porto de Aveiro, 7 de Setembro de 1960.

O Vice-Presidente da Junta, em exercício,

Manuel Branco Lopes

A BARCA PODRE

Continuação da última página

malícia, sonhando com aventuras românticas... e agora nada sei fazer. Fui um péssimo timoneiro da minha barca. Deixei-a apodrecer, empurrei-a para o abismo, tudo se afundou. E eu mesmo não sou mais do que um náufrago agarrado convulsivamente à tábua das recordações, vivendo apenas para o arrependimento e para a dor.

Olho a noite, fria como o gelo que vai no meu coração. Vejo-me, sorrindo, feliz, dando a mão a uma criança que salta irrequieta, plena de vida e saúde. Mais atrás, uma mulher muito jovem, caminhando, rosto aberto à ventura, com os olhos cheios de afeição e carinho dirigidos para mim.

— É demasiado!

As fontes latejam-me com violência. As minhas mãos enclavinhadas erguem-se piedosamente para o Céu.

E exclamo num lacinante grito de amargura: — Se viver é passar as noites e os dias à escuta, olhos pregados no nada, esperando aquilo que nunca há-de vir, eu vivo!

— Se existir é trazer o coração e a alma a sangrar de dor e o fel do remorso entranhado na consciência, eu existo...

... — mas, que diferença é que faz da Morte?

José Júlio Fino

DES POR TOS

Secção dirigida por

António Leopoldo

JOGOS PARTICULARES

Beira-Mar, 7 — Oliveirense, 3

DE acordo com o que oportunamente nestas colunas se anunciou, Beira-Mar e Oliveirense combinaram a efectivação de dois desafios particulares, entre os seus *teams* de honra, antes de se iniciar a disputa do Campeonato Nacional da II Divisão. O primeiro desses amistosos embates, cuja finalidade principal é a afinação dos onzes, teve lugar em Aveiro, no passado domingo.

Acorreu razoável assistência ao *Estádio de Mário Duarte*, já que os aveirenses ansiavam por ver — em exame mais sério que os treinos costumeiros e regulares — os novos elementos do Beira-Mar; e ainda porque o embate com o velho rival de Azeméis se reveste sempre de partitular interesse.

Sob arbitragem de José dos Santos Pereira, coadjuvado por Rui Paula (bancada) e Manuel Pacheco (peão), as turmas apresentaram, inicialmente:

BEIRA-MAR — Violas; Evaristo, Liberal e Jurado; Amândio e Marçal; Garcia, Miguel, Correia, Diego e Mota Veiga.

OLIVEIRENSE — Ferdinando; Pinho I, Pinho II e Armindo; Júlio Pinto e André; Pires, Valente, Branca, Marcelino e Santos II.

Houve, até final, diversas mexidas no «xadrez» das equipas: na Oliveirense, Pinho II (expulso do terreno cerca dos 40 m.) foi substituído, após o descanso, por Pinho I, cujo posto ficou ocupado por Cachana; no Beira-Mar, Diego, Violas e Miguel lesionaram-se, aos 4, 13 e 32 m., entrando Calisto, Sidónio e Sarrazola. No reatamento, não apareceu Mota Veiga, apresentando-se o quinteto dianteiro dos locais com esta constituição *Miguel, Sarrazola, Correia, Garcia e Calisto*. Aos 58 m, Jurado abandonou o recinta, entrando Louceiro para *back* direito e derivando Evaristo para a sua posição. Finalmente, há que registar o facto de Miguel ter sido também expulso, aos 87 m, ficando o Beira-Mar com menos uma unidade até final.

Até o descanso, o marcador funcionou sete vezes; o Beira-Mar conseguiu pontos por intermédio de MIGUEL, MARÇAL (de grande penalidade), MOTA VEIGA e GARCIA, aos 9, 26, 36 e 38 m.; e a Oliveirense goleou aos 13, 19 e 42 m., por intermédio de VALENTE, BRANCA, e, de novo, VALENTE.

Na etapa final, só os beiramarenses obtiveram tentos: GARCIA, aos 56 e 87 m., e CORREIA, aos 72 m., fecharam a contagem.

A partida, com espectáculo, ficou ensombrada pelo trabalho — mau de verdade — do chefe da equipa de arbitragem. Dele nos ocuparemos, no final das presentes considerações.

Neste ponto da crítica, convém, antes, apreciar o futebol, incipiente e ainda carecido da vibração dos jogos de campeonato, dos dois contendores.

Mais ligados em todos os sectores, os oliveirenses denotaram um grau de apuro apreciável. No entanto, os seus atacantes foram improdutivos e *esqueceram-se*, frequentes vezes, de finalizar os lances com os imprescindíveis remates ao golo (aliás, anote-se, os homens de Azeméis foram um tudo nada felizes na forma por que obtiveramos seus pontos).

Os beiramarenses, por seu turno, quedaram-se aquém das possibilidades que se pressentem ao seu grupo, cuja afinação dependerá de um melhor ajustamento das peças que o constituem. Pujantes, os defesas (excepção feita a Evaristo) necessitam de movimentos mais soltos, de mais rapidez e decisão e menos peso (Liberal).

Os médios alternaram coisas bem feitas com períodos de pouco luzimento, cumprindo, de um modo geral: podemos confiar nos seus componentes. Na linha dianteira, o que mais impressionou foi a frequência e a facilidade com que atiram às redes dois elementos, precisamente os que se nos afiguraram mais evoluídos e conscientes: o argentino Garcia e o azougado Miguel Sarrazola surgiu-nos logo após. Calisto, a recuperar da ausência a que, por doença, se viu forçado, é elemento a aproveitar, bem como o irrequieto e discutidíssimo Correia (em *dia-não*, no domingo) e ainda o habilidoso, mas frágil, Mota Veiga.

Sidónio, que cumpriu inteiramente, sendo até dos melhores da equipa, poderá vir a prestar bons serviços, de parceria com Violas.

O Beira-Mar, mesmo sem atingir o rendimento que seria desejo de todos os seus adeptos, soube ser terrìvelmente positivo e prático. Com esses predicados — que faltaram na época finda e que ardentemente se esperam sempre acompanhem a turma na decorrente temporada — os amarelo-negros puderam levar de vencida, muito merecidamente, a equipa dos azuis-rubros de Azeméis. O *score* final, no entanto, achamo-lo severo em demasia para os oliveirenses.

O árbitro teve uns auxiliares preciosos e, de comum, absolutamente certos. Não mereceram os «bandeirinhas», portanto, que os espectadores se insurgissem contra o seu labor, sempre atento e imparcial. Note-se, mesmo, que Rui Paula deixou em claro — um dos pouquíssimos senões que lhe anotámos — o impedimento de dois beiramarenses (Garcia e Correia) no lance em que foi apontado o sexto tento dos locais; e, então, não houve protestos...

Assim acontecendo, o juiz de campo, apoiando-se nos seus colegas, apitou bem os fora de jogo. No restante, porém... o sr. Santos Pereira esteve verdadeiramente calamitoso! Foi rigoroso no *penalty*. Impando de autoridade, para não dar ouvidos a justificados

Continua na página 7

Jogos para AMANHÃ

CAMPEONATOS DE AVEIRO

I DIVISÃO

PEJÃO - ARRIFANENSE
CESARENSE - LUSITÂNIA
ESPINHO - VISTA ALEGRE
LAMAS - OVARENSE
RECREIO - CUCUJÃES

RESERVAS

SANJOANENSE - ARRIFANENSE
ESPINHO - LAMAS
LUSITÂNIA - FEIRENSE
ESTARREJA - CUCUJÃES
OLIVEIRENSE - BEIRA MAR

Ronda pelos Clubes do Distrito de Aveiro

AMANHÃ, dez clubes da Associação de Futebol de Aveiro iniciam mais um Campeonato Distrital da I Divisão, que, como se sabe, é o primeiro degrau da disputa do Nacional da III Divisão. Principia, também amanhã, o torneio regional de Reservas, que movimentará, além de *teams* de quase todos os clubes a que atrás se aludiu, representações do quarteto aveirense da II Divisão Nacional Beira-Mar, Feirense, Oliveirense e Sanjoanense começam o torneio secundário de amanhã a oito dias. Desejoso de elucidar os seus leitores sobre as novidades que cada colectividade apresentará esta temporada, LITORAL procedeu a um rápido inquérito entre os dirigentes dos diversos clubes do Distrito, publicando hoje o resultado dessas curiosas entrevistas-relâmpago — todas elas girando em volta das seguintes três perguntas:

1. Nome do treinador? 2. Quais os novos jogadores do Clube? 3. O Clube dispensou ou ficou privado de alguns elementos?

● O velho e prestigioso SPORTING DE ESPINHO, desejoso de regressar a um lugar mais consentâneo com os seus brilhantes pergaminhos, respondeu deste modo:

1 — Contratámos José Rafael. 2 — Albano, que alinhava no Atlético, esperando-se ainda que se ultimem as negociações — mantidas em segredo, por enquanto — com outros possíveis reforços. 3 — Ninguém saiu do Espinho.

● De um salto, eis-nos em Ovar, contactando com a OVAVENSE. Aqui, há grandes novidades, como fàcilmente se verá. Os vareiros pensam a sério em subir à II Divisão..., por isso se reforçando consideràvelmente.

1 — Omar Auleta, que já esteve no Beira-Mar, veio do Leixões, iniciando-se como treinador, em substituição de outro argentino: Pagola. 2 — Silva, do Leixões, Semedo, do Vilanovense (que regressará a Ovar), Medina, da Sanjoanense, Alcobia, do Feirense, e, possìvelmente, o guarda-redes vareiro Alves Pereira, que se encontra preso ao Sporting... 3 — Não houve deserções para outros clubes, mas alguns elementos deixarão de jogar...

● Em Águeda, o conhecido RECREIO, agora encetando uma vida nova na sua gloriosa carreira, forneceu-nos os seguintes dados:

1 — Daniel continua a pontificar. 2 — Já assente, encontra-se o *keeper* Adelino Almeida, do Lusitano de Vildemoinhos; e, quase certos, estão ainda dois antigos beiramarenses: Vítor Oliveira, da Académica, e Brandão, do Anadia, além de outro elemento, oriundo das categorias inferiores do Benfica. Aliás, o Recreio esteve também interessado em Alves Pereira, do Sporting... 3 — Evangelista, na tropa, foi cedido ao Vilanovense, e encontra-se afastados pela Direcção do Recreio Lélé, Dário, Tota e Nobre...

● Grande mexida sofreu a turma do PEJÃO. Os mineiros, na realidade, surgem-nos deste jeito modificados:

1 — Rui Araújo, no comando dos futebolistas. 2 — Manuel, da Sanjoanense, Arnaldo, do Salgueiros, Valente II, da Oliveirense, Guizanda, do Rio Ave e Macedo, do Arrifanense — são caras novas. 3 — O jovem guarda-redes Silva seguiu para o Sporting, sendo

Continua na página 7

Xadrez de Notícias

Os motonautas do Sporting de Aveiro que se deslocaram à Corunha, como informámos, alcançaram retumbantes êxitos. No próximo número, e com o merecido relevo, voltaremos a ocupar-nos do comportamento desses conhecidos e já famosos desportistas — Carlos Marques Mendes e seus filhos Carlos Vicente e Luís Filipe.

Amanhã, pelas 10 horas, Atlético Vareiro e Beira-Mar «discutem», em Estarreja, num rectângulo térreo improvisado no Campo do Dr. Tavares da Silva, *a atribuição do lugar cimeiro do Campeonato Distrital de Andebol de Sete.*

Na Ria de Aveiro, frente ao Areinho, e numa organização da Secção Nautica da Associação Desportiva Ovarense, de que apenas agora — e pela Imprensa diária —, temos conhecimento, realizou-se, no domingo, o II Campeonato de Moths da Ria de Aveiro.

Triunfou, o Eng.º Mateus Augusto dos Anjos, do Sporting de Aveiro, seguido pelos ovarenses Jorge Bonifácio e Bernardino Silva, por Helder Guimarães, do Clube Naval de Aveiro, e por Manuel Duarte, também da Ovarense.

Retribuindo a recente visita a Aveiro dos hoquistas da Sanjoanense, o Galitos deslocou-se, no sábado, a S. João da Madeira, onde efectuou um treino com a valorosa turma local.

Ainda sobre hóquei em patins: Académica de Espinho e Sanjoanense, juntamente com outros

Continua na página 7

Ciclismo

Manuel Morais de Sousa, do Sangalhos, venceu, com brilho e isoladamente, o I CIRCUITO de OLIVEIRINHA

NA próxima e progressiva Oliveirinha, e, como referimos, numa organização da Casa do Povo local, com o patrocínio da F.N.A.T. e do LITORAL, correu-se, no pretérito domingo, uma excelente e concorrida prova para «populares», num percurso de 70 quilómetros: o I CIRCUITO CICLISTA DA OLIVEIRINHA. Competiram 51 ciclistas, individuais alguns, e outros representando nove colectividades. Todavia, desistiram 17 concorrentes e 14 tiveram que ser eliminados, apenas se classificando os seguintes 20 corredores:

1.º — Manuel Morais de Sousa, do Sangalhos, 1 h. 57 m. 10 s.; 2.º — Fernando Dores, do Pejão; 3.º — Manuel Pereira Fernandes, individual; 4.º — Manuel Ferreira, do F. C. Oliveirinha; 5.º — David Ferreira de Sousa; 6.º — Manuel Grade; 7.º — Joaquim Cadima; 8.º — João da Rosa Sampaio — todos do Sangalhos; 9.º — António Miller, do Pejão; 10.º — José Besso, do Pejão; 11.º — António Vitória de Carvalho, do F. C. Oliveirinha; 12.º — António Maximo, do F. C. Valecambrense; 13.º — Artur Soares, Pejão; 14.º — Carlos Alberto da Silva, do F. C. Oliveirinha; 15.º — José da Silva, individual; 16.º — Adolfo Gonçalves, do F. C. Valecambrense; 17.º — José Resende Gomes, do U. D. Quintavaladense; 18.º — Adelino Neves Morgado, do G. D. Barracão (Leiria); 19.º — Manuel de Jesus Gomes, da A. Oliveirense; 20.º — José Pinto, A. Oliveirense.

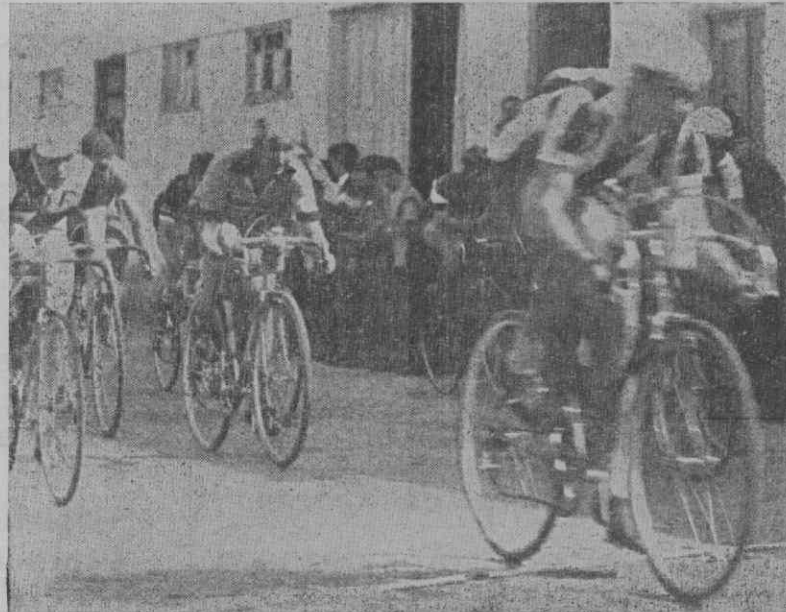
Média do vencedor: 37,400 km/h..

O sangalhense e o pedoridense primeiro classificados deixaram a companhia dos restantes a meio da prova, não mais sendo alcançados. Por seu turno, o bairradino também se escapou ao seu companheiro de fuga, na penúltima volta, ganhando-destacadamente.

No «Prémio da Montanha», os melhores foram: 1.º Fernando Dores, do Pejão; 2.º Manuel Morais de Sousa, do Sangalhos; 3.º Manuel Pereira Fernandes, individual; 4.º António Vitória de Carvalho, do F. C. Oliveirinha.

O individual Manuel Pereira Fernandes venceu o prémio especial para a volta mais rápida (a 3.ª, em 11 m. 59 s.).

Continua na página 7

Uma imagem do Circuito de Oliveirinha: um grupo de ciclistas vai completar uma das voltas do percurso estabelecido

Câmara Municipal de Aveiro

Convocatória

Nos termos do disposto no art. 29.º do Código Administrativo e para os fins consignados na última parte do § 3.º do mesmo artigo, convoco o Conselho Municipal para a sessão ordinária a realizar no dia 15 de Setembro corrente, pelas 15 horas, com a seguinte ordem do dia:

a) — Discutir e votar o anteplano de urbanização da cidade;

b) — Dar parecer sobre o plano de actividade da Câmara, para 1961, e discutir e votar as bases do orçamento;

c) — Aprovação das deliberações da Câmara sobre a obtenção de um empréstimo, a contrair na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, na importância de 10 mil contos, destinados à realização de obras de melhoramentos, construções, urbanização e sobre a aquisição de terrenos, em prestações diferidas, destinados, igualmente, à urbanização da cidade.

Paços do Concelho de Aveiro, 7 de Setembro de 1960

O Presidente da Câmara,

Alberto Souto

Pela Capitania

Movimento marítimo

* Em 30 de Agosto findo, saíram a barra, com destino ao Porto, Lisboa e Leixões, repectivamente, o galeão-motor *Praia da Saúde*, o navio-tanque *Cláudia*, a reboque do *Foz do Vouga*, e o navio-motor *São Silvestre*.

* Em 3 do corrente, demandaram a barra, vindos de Lisboa e dos bancos da Terra Nova e Gronelândia, o navio-tanque *Cláudia*, a reboque do *Foz do Vouga*, com 770 toneladas de gasolina pesada, e o navio-motor *Santa Princesa*, com cerca de 18 000 quintais de bacalhau fresco.

* Em 4, a reboque do *Foz do Vouga*, regressou a Lisboa o navio-tanque *Cláudia*.

* Em 5, entrou a barra, vindo de Lisboa, com 1 132 toneladas de combustíveis líquidos, o navio-tanque *Shell Tagus*.

* Em 6, com destino a Lisboa, saiu a barra o navio-tanque *Shell Tagus*.

Pela Gota de Leite

Donativos

Esta instituição recebeu 95$00 do sr. Manuel Gamelas, da Rua de João Mendonça, Aveiro; e roupas da menina Tavares de Almeida, da Parede, Linha do Estoril.

Bem hajam!

Subsídios às Corporações de Bombeiros

A cada uma das corporações de bombeiros da cidade — Associação Humanitária e Companhia Guilherme Gomes Fernandes — foi atribuido, sob proposta do Conselho Nacional dos Serviços de Incêndios, o subsídio de 12 500$00.

Propaganda de Aveiro

A Comissão Municipal de Turismo, no louvável intuito de propagandear a região aveirense, contratou com o respectivo departamento da C. P. a afixação de fotografias nas carruagens dos comboios.

Dr. Mário Duarte

O plenário da Assembleia Legislativa do Estado de Guanabara aprovou, por unanimidade, sob proposta do deputado sr. Levy Neves, a outorga do título de «Cidadão Carioca» ao sr. Dr. Mário Duarte, ilustre aveirense e Cônsul de Portugal no Rio de Janeiro.

As nossas felicitações.

Serviços Médico-Sociais

A Federação das Caixas de Previdência decidiu abrir concurso para o provimento de um lugar de médico-estomatologista no posto de Aveiro.

Dr. Mário Sacramento

Partiu para França, onde vai, como bolseiro do Governo Francês, para estágio de especialização médica no Hospital Saint-Antoine, de Paris, o distinto clínico e ilustre ensaísta, escritor e pensador Dr. Mário Sacramento.

Sinceramente lhe desejamos os melhores frutos no seu aperfeiçoamento profissional e as maiores felicidades pessoais durante a sua estadia no estrangeiro.

Acidentes

Aterragem forçada de um avião da Base de S. Jacinto

Pelas 15 horas e meia de terça-feira, 6, um «Chipmunk» de dois lugares, da Base Aérea n.º 7 de S. Jacinto, foi forçado a aterrar de emergência num dos areais da margem esquerda do Douro, no concelho de Castelo de Paiva, a leste da ponte metálica que ali existe.

Os ocupantes — piloto furriel sr. António Araújo Deolindo da Silva, de 22 anos, natural do Porto, e mecânico-furriel sr. Bartolomeu Pereira, de 20 anos, natural de Ponte da Barca, ambos em serviço na referida Base de S. Jacinto — sofreram ferimentos de relativa gravidade, tendo sido transportados, depois de socorridos no Hospital de Santo António, para o Hospital Militar do Porto, onde ficaram internados.

Funesto desastre de viação

No mesmo dia 6, quando, pelas 10 horas da manhã, seguiam de automóvel no sítio do Vale do Talhado, Marialva, Trancoso, os srs. Joaquim Alves, de 54 anos, empreiteiro de obras públicas, residente em Aveiro na Rua de Eça de Queirós, Manuel António Morais, de 40 anos, fiscal do Desemprego, e sua esposa sr.ª D. Idalina Branco de Sousa, de 38 anos, estes também residentes em Aveiro, o veículo, ao descrever uma perigosa curva, despenhou-se por uma ribanceira com mais de sessenta metros de altura.

Do lamentável acidente resultou a morte do sr. Joaquim Alves, que, na quinta-feira, foi sepultado no Cemitério de Esgueira, e graves ferimentos no sr. Manuel Morais. A sr.ª D. Idalina de Sousa apenas sofreu ligeiros ferimentos.

Adios Galicia

Continuação da primeira página

que não admira, porque, se geogràficamente é prolongamento de Portugal atlântico, é também uma extensão minhota para além fronteira desse artifício diplomático da ordem internacional, que os séculos ratificaram — tem também, como se sabe, as suas Rias que de Vila Garcia e Pontevedra se reunem no formoso estuário que é o átrio, a sala de recepção dos grandes transatlânticos, ou grandes barcos de cabotagem internacional que, diàriamente, ali despejam milhares de turistas de toneladas de mercadorias, tornando Vigo um dos maiores portos do Mundo. Mas as Rias galegas, b-las sem dúvida, pulverizam-se em ondulados prolongamentos pelo interior de povoações que servem. Falta-lhes a majestade da extensa planície lagunar aveirense, cuja unidade e profusão dos esteiros, a multiplicidade de veios de água que servem de acesso às praias e às marinhas de sal, não destroem. E falta-lhes o inédito panorama da faina salineira com os múltiplos cones cintilantes a cujos cristais a luz do sol arranca reflexos que não é possível fixar nas telas dos melhores pintores.

Vigo é para as termas de Mondoriz o que o Porto — a cidade portuguesa que defronta aquela em grandeza — é para as praias subjacentes da orla marítima e se estendem até Espinho.

Nesta quadra do ano, Vigo, como toda Galiza, é mundo português. As Calles de Colon, do Principe José António e outras, de intensa actividade comercial, enchem-se de portugueses; a língua é uma amálgama de português e de galego, bem denunciando o parentesco que ambas liga, pois que ao galaico fomos buscar os germens do nosso idioma lusíada.

Está-se no meio galego como se fosse terra nossa, o que não acontece em nenhuma outra província espanhola.

Força-nos o convívio de umas semanas a deixar a Galiza com saudade e admiração pelos seus homens, pela sua história, pelos cantores do seu lirismo, como foi por lá marcada na sua passagem terrena, em vários monumentos e inscrições lapidares, a grande Rosalina de Castro.

— Adios Galicia hasta el ano proximo, se Dios lo quiera.

Querubim Guimarães

Serviços Médico-Sociais

Federação de Caixas de Previdência

Sede: Avenida de Manuel da Maia, N.º 58-2.º

LISBOA

AVISO

Admissão de médicos para a especialidade de Estomatologia para o Posto Clínico N.º 50 — (Aveiro)

Está aberto concurso documental, pelo prazo de 30 dias, a contar do dia 30 de Agosto de 1960, para médicos estomatologistas para o Posto Clínico N.º 50 (Aveiro).

As condições de admissão ao concurso encontram-se patentes na sede da Federação — Avenida de Manuel da Maia, 58-2.º Esq., em Lisboa —, na Delegação da Zona Centro (Rua de Antero de Quental, 51-53, em Coimbra) e no Posto Clínico em referência.

O prazo para entrega dos requerimentos e demais documentação constante das condições de admissão, termina às 18 horas do dia 28 de Setembro de 1960.

Lisboa, 22 de Agosto de 1960

A Direcção

Congresso Internacional de História dos Descobrimentos

Nesta importante reunião científica, que decorre em Lisboa de 5 a 11 do corrente, participa o sr. Dr. António Manuel Gonçalves, como ilustre Director do Museu Regional de Aveiro.

A leitura da comunicação que ali apresenta está prevista para a manhã de hoje, sábado, 10, tratando *da Ourivesaria Quinhentista em Portugal.*

O sr. Dr. Domingos Maurício Gomes dos Santos, S. J., apresentou já no mesmo Congresso, em sessão de 6 do corrente, a sua pertinente comunicação: *Documentos Autógrafos, Apógrafos e Apócrifos da Princesa Santa Joana.*

Novo estabelecimento

Abriu esta semana, ao número 243 da Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, um moderno e bem sortido armazém de fazendas brancas, que muito vem enriquecer o hoje já importante bloco comercial da zona da Estação.

O novo estabelecimento pertence à firma *Pinhão, Santos & C.ª, L.da*, de que são sócios os srs. Manuel Nunes Pinhão e Manuel Augusto dos Santos (da Tecilan) e a firma *Pinheiro, Martins & Soares, L.da.*

«Maus embaixadores teatrais»

De dois leitores, pessoas de comprovada idoneidade, recebemos as cartas que abaixo se trancrevem, pedindo-lhes nos relevem que, por falta de espaço, publiquemos os seus escritos em tipo menor do que aquele em que se deu à estampa a carta agora contestada.

Tão claro é o seu conteúdo, que nos dispensa de qualquer comentário.

Apenas diremos: esta Secção, que é do Leitor, não confere a qualquer leitor o direito de para ela escrever levianos ou infundados comentários.

E ficamo-nos por aqui, visto ser a primeira vez que tal acontece...

Ao assinante do *Litoral* n.º 2-581 «constou» que um grupo de amadores teatrais, oriundo da Oliveirinha, se apresentou em Lanheses (Viana do Castelo) pèssimamente ensaiado e jactando-se de ser da cidade de Aveiro, envergonhando, assim, os pergaminhos artísticos desta linda terra. E protesta no *Litoral*, sob a epígrafe acima, contra tal abuso.

Seríamos os primeiros a dar-lhe razão, como aveirense que também somos, se tivesse algum fundamento a sua queixa; mas sossegue o sr. assinante, pois lhe «constaram» apenas coisas idiotas e tendenciosas, próprias dos ambientes quesilentos que há em toda a parte — até em Lanheses.

Nestas coisas ainda não há como seguir a velha e cautelosa divisa de S. Tomé...

Passemos a explicar os factos: Entre a risonha povoação minhota e a Costa do Valado, de há tempo se vem mantendo um simpático intercâmbio desportivo, caprichando as duas terras amigas em se receberem mùtuamente o melhor possível.

Acontece que na sua última visita, o Grupo Desportivo de Lanheses se fez acompanhar do seu Grupo Cénico, que deu um espectáculo na Casa do Povo de Oliveirinha. Como é óbvio, pensou-se em retribuir condignamente esta visita e uma embaixada que ultrapassava a centena de pessoas foi de abalada até ao Minho, incluindo-se nela o Grupo Cénico de Loure, devidamente ensaiado (até à medida das suas possibilidades) por pessoa competente da Costa do Valado.

A Oliveirinha não possui Grupo Cénico e Loure pertence ao Concelho de Albergaria-a-Velha...

Tal grupo e seus acompanhantes apresentaram-se em autocarro especial que ostentava, em letreiro bem visível, o dístico «Grupo Cénico de Loure». Além disso, e no início do espectáculo, teve o seu ensaiador o cuidado de explicar ao público a origem do grupo, bem como a sua modéstia, não deixando por isso o seu trabalho de ser apreciado e aplaudido, tanto mais que os amigos de Lanheses sabiam não ser da melhor qualidade o conjunto que nos enviaram. Trabalho de aldeia para aldeia, nada tendo que ver com a cidade, parece-nos que dele não resultou mal para o mundo — antes pelo contrário.

O autor destas linhas, que se orgulha de ter sido um dos autores da saudosa revista «Ao Cantar do Galo», não corou de vergonha por esta jornada que tão deturpada chegou aos ouvidos do brioso aveirense.

Um que foi na caravana

«[...] Rogo a V. Ex.ª o favor de consentir seja transcrita esta carta no conceituado *Litoral*, na secção «Diz o Leitor...», a fim de rectificar o falso comentário feito pelo assinante n.º 2-581 sob o título «Maus embaixadores teatrais».

Diz o referido Senhor que um grupo amador de teatro de Oliveirinha se deslocou a Lanheses-Minho, etc. etc..

Para não me reportar à crítica do referido comentário, pois teria que classificar o seu autor como merece, tenho a honra de esclarecer os leitores do *Litoral* que, há cerca de 10 anos, não há em Oliveirinha grupo algum de amadores de Teatro, razão por que não se deslocou àquela aldeia, ou ao Minho, recentemente nem em tempo algum, qualquer grupo de Teatro. Sei também de fonte autorizada que, do Concelho de Aveiro, também nenhum grupo de amadores de Teatro visitou Lanheses.

Deverá pois, futuramente, o assinante 2-581 não iludir mais os leitores deste simpático semanário aveirense com as suas notícias falsas, abolindo também das suas críticas jornalísticas os «constou-me» e «ouvi dizer».

O signatário, residente e natural de Oliveirinha - Aveiro, apresenta a V. Ex.ª os melhores cumprimentos.

Carlos dos Santos Vieira

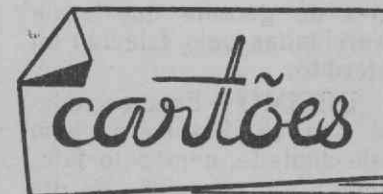
Barulhos que urge evitar

«Não obstante o movimento que se desenha por toda a parte, no País e no estrangeiro, de repulsa pelos ruídos tão em voga, tantas vezes inúteis e evitáveis, verifica-se que a saúde e o descanso dos outros continuam a merecer pouca consideração.

Aveiro não foge à regra; e, assim, especialmente na parte central da cidade, a coisa toma por vezes aspectos bárbaros. São os morteiros e os foguetes, as buzinas e as tel fonias portáteis, os escapes livres das camionetas e das motorizadas, os autocarros das excursões, com os seus altifalantes, etc., etc.... Parece, realmente, haver o propósito de incomodar e, do facto, se pode deduzir uma ideia desagradável do grau de civismo duma cidade.

Peço-lhe, senhor Director, que continue no seu conceituado jornal a velha campanha no sentido de se eliminarem os ruídos, tão prejudiciais ao sossego e à saúde, chamando ao mesmo tempo, e para o efeito, o interesse das autoridades.

Se o jornal de V. Ex.ª, com um pouco de persistência, conseguir que a nossa cidade, já diferente sob muitos aspectos, o seja também neste, terá prestado mais um serviço digno de muito apreço.»

Ass. n.º 1-349

FAZEM ANOS

Amanhã — A sr.ª D. Maria Selene de Vilhena Pereira da Cruz e Costa, esposa do sr. Aurélio Costa; e os srs. Dr. Francisco Lourenço da Costa e Manuel Ângelo Ferreira da Cunha, residente em Moçambique.

Em 12 — As sr.as D. Balbina Augusta da Silva Dias, esposa do sr. João Ferreira Dias, D. Fernanda Vilas Boas do Vale Pires e D. Isaura Tovares de Vilhena; os srs. Raul da Sá Seixas e António Neto; e a menina Maria José, filha do sr. Dr. Manuel Simões Julião.

Em 13 — A sr. prof.ª D. Alzira de Resende Almeida Maia e Silva, esposa do nosso colaborador sr. Tenente Gonçalo Maria Pereira; as meninas Rosa Adriana, filha do sr. José Adriane Pereira Aguiar, e Ana Margarida dos Santos Génio, filha do sr. Albano Araújo Neves Génio; e o menino Paulino Roque Moreira da Silva, filho do sr. Albino Roque, residente em Luanda.

Em 14 — A sr.ª D. Custódia Oliveira, esposa do sr. João de Oliveira; os srs. Dr. Pompeu Cardoso, Amadeu Pinto dos Reis e Francisco Ferreira Barbosa; a menina Maria Manuela, filha do sr. Manuel Martins de Melo; e os meninos Augusto Duarte Campos Barata da Rocha, filho do sr. Dr. Augusto Sobrinho Barata da Rocha, médico no Porto, e Luís Francisco, filho do 1.º Sargento sr. Luís Eduardo Trindade e Silva.

Em 15 — A sr.ª D. Aida Ferreira Figueiredo Longo, esposa do sr. José Augusto Farias Longo; e Pedro Eduardo do Vale Guimarães Oliveira, filho do sr. Dr. Orlando de Oliveira, Reitor do Liceu Nacional de Aveiro.

Em 16 — A sr. D. Maria José Simões Gamelas Durão; os srs Capitão Acácio Teixeira Lopes e Amílcar Henriques Gamelas; e a menina Maria do Rosário Moura Barbosa da Maia.

PEDIDO DE CASAMENTO

No passado dia 24 de Agosto, pela sr.ª D. Élia Maia Marques e seu marido, sr. João Francisco Marques, foi pedida em casamento, para seu filho, sr. José Maia Marques, a menina Maria Selene Fernandes Valentim, filha da sr.ª D. Ana Fernandes e do sr. Raul dos Santos Valentim.

O enlace realiza-se brevemente.

CUMPRIMENTOS

De passagem por Aveiro, dignaram-se apresentar cumprimentos ao Director deste jornal, a sr.ª D. Judite da Conceição de Oliveira Rodrigues e o universitário sr. Britaldo Normando de Oliveira Rodrigues, ambos da conceituada revista juvenil de cultura e informação *Juventus.*

Reiteramos aqui o nosso agradecimento pela amável deferência.

DE REGRESSO

Depois de longa digressão pela Grécia, Itália, França e Espanha, regressou já a Aveiro o nosso apreciado colaborador Dr. M. da Costa e Melo.

VIMOS EM AVEIRO

★ O sr. Dr. António Vicente, distinto médico em Bustos.

★ O sr. Dr. Jorge Monteiro, ilustre professor em Lisboa, do Ensino Técnico.

DOENTES

★ Foi recentemente operado, com êxito, na Casa de Saúde da Vera Cruz, a sr.ª Silvina Celeste de Almeida Neves, esposa do 1.º Sargento de Cavalaria sr. Augusto Pinho das Neves, que já se encontra na sua residência.

★ Depois de demorada ausência em convalescência e após a intervenção cirúrgica a que, conforme oportunamente noticiámos, teve de submeter-se, regressou já a Aveiro o Rev.º Padre Manuel Caetano Fidalgo, ilustre Director do órgão diocesano *Correio do Vouga.*

★ Também já teve alta do Hospital da Santa Casa, onde foi operado, conforme aqui referimos, o devotado correspondente de *O Século* em Aveiro, sr. Aurélio Costa.

AGRADECIMENTO

Antero dos Santos, encontrando-se completamente restabelecido da enfermidade que o reteve no leito, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que o visitaram ou se interessaram pelo seu estado de saúde, particularmente manifestando a sua gratidão aos seus médicos assistentes, Ex.mos Senhores Dr. Josué Rodrigues Póvo e Dr. Humberto Leitão, pelo desvelo, carinho e solicitude com que o trataram.

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Primeiro Cartório

Certifica-se, para efeitos de publicação, nos termos do art.º 96.º do Código do Notariado, que, por escritura de 2 de Setembro corrente, lavrada a fls. 24 e seguintes do livro n.º 85-B, do 1.º Cartório da Secretaria Notarial de Aveiro, a cargo do Notário, L.do Américo Gomes de Andrade e Oliveira, D. Maria do Céu da Silva Alves Correia, casada com Armando Cancela de Amorim, moradora em Aveiro, foi habilitada como única herdeira sucessível de Manuel Victorino dos Santos, casado, natural do concelho e freguesia de Ílhavo, falecido a 27 de Maio de 1945, na freguesia da Glória, da cidade de Aveiro, por força do testamento cerrado datado de 15 de Março de 1934.

Está conforme ao original. — Aveiro e Secretaria Notarial, seis de Setembro de mil novecentos e sessenta

O Ajudante da Secretaria,

Raul Ferreira de Andrade

António Gomes Patarrana

AGRADECIMENTO

A Família Patarrana agradece, reconhecidamente, a todas as pessoas que a acompanharam na sua dor, especialmente àqueles a quem, por desconhecimento de moradas, o não puderam fazer directamente.

Elisiário Moreira & C.ª, L.da

Certifico, para efeitos de publicação, que, por escritura de 26 de Agosto de 1960, exarada nas notas deste cartório, os srs. Elisiário Dias Moreira Júnior e Manuel Gamelas constituiram entre si uma sociedade por quotas de responsabilidade limitada, para se reger nos termos constantes dos artigos seguintes:

PRIMEIRO — A sociedade adopta a firma «Elisiário Moreira & Companhia, Limitada», tem a sua sede em Aveiro, poderá abrir sucursais ou filiais em qualquer parte do território português, a sua duração é por tempo indeterminado e começa as suas operações no dia um de Outubro próximo.

SEGUNDO — O seu objecto é a compra e venda de peixe ou qualquer outro ramo de comércio ou indústria que a sociedade resolva explorar e para que não seja necessária autorização especial.

TERCEIRO — O seu capital, inteiramente realizado em dinheiro, é de cem mil escudos, dividido em duas quotas de cinquenta mil escudos, pertencendo uma a cada sócio.

QUARTO — Não são exigíveis prestações suplementares, podendo no entanto, qualquer sócio fazer à caixa social os suprimentos de que ela carecer, mediante as condições a resolver.

QUINTO — E' livre entre os sócios a cessão parcial ou total das suas quotas, ficando, no entanto, dependente do consentimento da sociedade essa cedência a estranhos, pois, neste caso, fica reservado à sociedade o direito de preferência, se ela quiser usar desse direito; e, não o querendo, terão preferência os sócios que o queiram; e só quando, nem a sociedade nem qualquer sócio pretendam a quota alienanda, poderá esta ser cedida a estranhos.

SEXTO — A sociedade, além do estabelecido no artigo anterior, fica com o direito de amortizar qualquer quota que seja penhorada, arrestada ou sujeita a qualquer providência cautelar, ou ainda quando por qualquer outro motivo seja ordenada em qualquer processo judicial ou fiscal a sua arrematação.

§ único — Nestes casos considera-se feita a amortização pelo seu pagamento ou apenas pela consignação em depósitos da respectiva importância; a amortização da quota será feita pelo valor que constar do último balanço aprovado.

SÉTIMO — Ambos os sócios são gerentes sem remuneração nem caução e desempenharão, cada um, as funções que em acta for entre eles resolvido; mas, para que a sociedade fique obrigada ou adquira direitos é sempre necessária a assinatura de ambos os sócios, excepto no caso de mero expediente em que é bastante a assinatura de um só, ficando a todos proibido o uso da firma social em assuntos que não digam respeito à sociedade e ainda em abonações, fianças, letras de favor e outras responsabilidades, pois o que tal fizer responderá pelas perdas e danos que causar à sociedade.

OITAVO — No caso do falecimento ou interdição de algum dos sócios, os seus herdeiros ou representantes tomarão o lugar do falecido ou interdito e exercerão em comum os direitos destes enquanto a respectiva quota estiver indivisa, fazendo-se, no entanto, representar na sociedade por um só deles.

NONO — O herdeiro do sócio falecido ou representante do interdito que vier a representar os demais na sociedade ocupará como o sócio sobrevivente, as funções de gerente que eram exercidadas pelo falecido ou interdito.

DÉCIMO — Esta sociedade não se dissolverá, nem pela vontade, nem pelo falecimento ou interdição de um sócio, e apenas nos casos marcados no artigo 42 de Lei de 11 de Abril de 1901.

DÉCIMO PRIMEIRO — As assembleias gerais, quando devam reunir e a Lei não prescreva outras formalidades, serão convocadas por meio de cartas registadas, dirigidas aos sócios, com a antecedência mínima de oito dias, indicando sempre o assunto a deliberar.

DÉCIMO SEGUNDO — Anualmente, e em 31 de Dezembro, serão dados balanços aos haveres sociais, os quais estarão patentes aos sócios, considerando-se aprovados se até 31 de Março do ano seguinte contra eles não houver qualquer reclamação; e os lucros líquidos apurados, depois de retirados cinco por cento para fundo de reserva, até este estar preenchido, ou alguma outra percentagem para outro fundo especial que os sócios resolvam criar, serão divididos pelos sócios na proporção das suas quotas, nos 15 dias seguintes.

DÉCIMO TERCEIRO — Em tudo o mais regularão as disposições legais aplicáveis e as deliberações tomadas pelos sócios.

Aveiro, 31 de Agosto de 1960

O Ajudante,

Raul Ferreira de Andrade

Regimento de Cavalaria 5

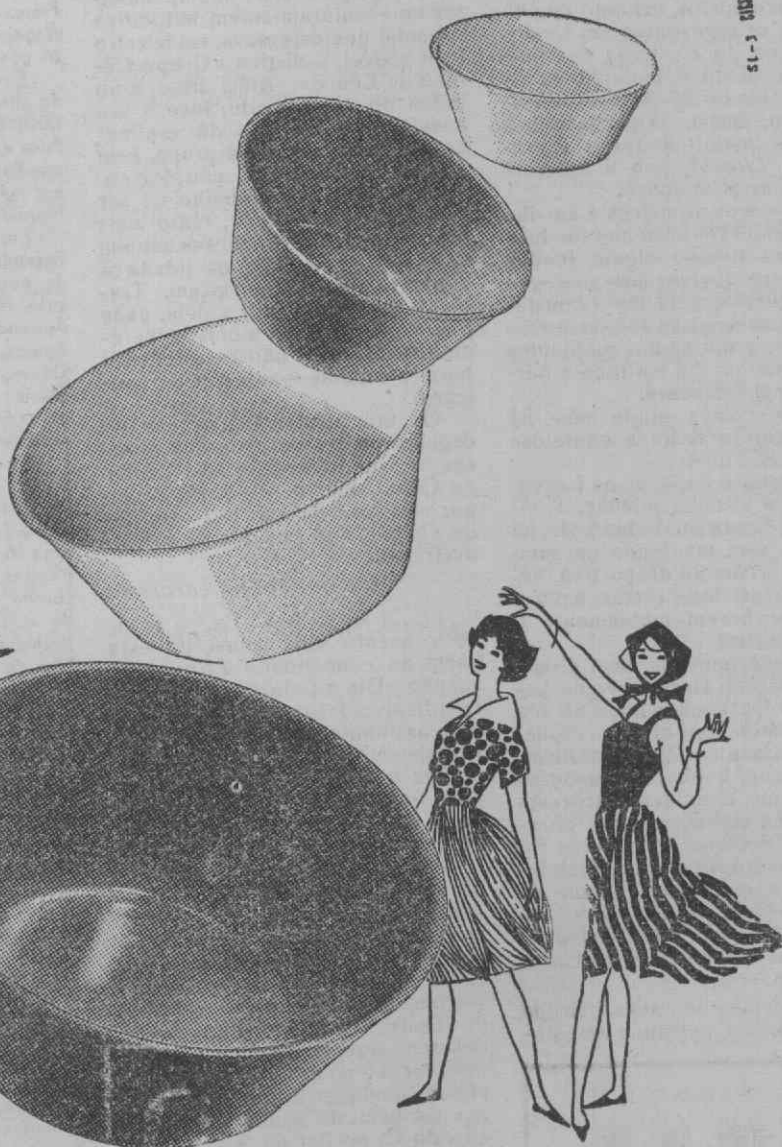
Anúncio

O Conselho Administrativo do Regimento de Cavalaria n.º 5 torna público que, no dia 27 do corrente, pelas 10 horas, no quartel desta Unidade, se procederá à venda em hasta pública, de artigos de Material de Instrução julgados incapazes, tais como material escolar (livros e mapas) e material de Educação Física e Desportos.

Quartel em Aveiro, 5 de Setembro de 1960

O Chefe da Contabilidade,

Jorge Feurly de Magalhães Caldas

Capitão do S. A. M.

Desportos

CONTINUAÇÕES DA PÁGINA TRÊS

Circuito de Oliveirinha

Triunfadores de voltas: com 3 vitórias, Fernando Dores, do Pejão (5.ª, 6.ª e 7.ª), e Manuel Morais de Sousa, do Sangalhos (8.ª, 9.ª e 10.ª); com 2 vitórias, Manuel Pereira Fernandes, individual (1.ª e 3.ª); e, com uma vitória, Geraldo Melo, do Sporting de Eixo (2.ª), e João Matos da Cruz, do Quintavaladense (4.ª).

Classificação colectiva:

1.º — Sangalhos; 2.º — Pejão; 3.º — F. C. Oliveirinha; 4.º — F. C. Valecambrense; 5.º — Oliveirense (de Oliveira do Bairro). Não se classificaram o Centro de Recreio Popular da Figueira da Foz, a Associação Recreativa Castelonense, de Castelões (Vale de Cambra), a União Desportiva Quintavaladense e o Sporting Clube de Eixo.

Circuito das Vindimas

Na Curia, no pretérito domingo, Alves Barbosa reapareceu e conquistou mais um clamoroso triunfo, vencendo destacadamente o já tradicional CIRCUITO DAS VINDIMAS.

Evidenciaram-se, também, os bairradinos Fernando Henriques da Silva (2.º), Antonino Baptista (3.º) e Lino Santiago (10.º). Os ciclistas vareiros obtiveram os seguintes postos: João Gomes (12.º), António Oliveira (13.º) e Manuel Amorim (17.º) — enquanto que Fernando Simões e Fernando Cerveira, da Oliveirense, de Oliveira do Bairro, ficaram em 8.º e 11.º, respectivamente.

Por equipas, triunfou, lògicamente, o Sangalhos, seguindo-se-lhe as turmas do F. C. Porto, do Salgueiros, do Benfica e da Ovarense.

As vitórias nas 60 voltas do percurso ficaram a pertencer aos seguintes estradistas: Alves Barbosa, 37; Antonino Baptista, 9; Martins de Almeida (Académico), 3; Sousa Santos (F. C. Porto) e João Gomes, 2; e Lino Santiago, F. Henriques da Silva, e Antero Elias (Sangalhos), Azevedo Maia e Mário Sá (F. C. Porto), João de Brito (Benfica) e Fernando Simões, 1.

Nos lançamentos oficiais, Antonino Baptista venceu duas vezes e Alves Barbosa nas três contagens restantes.

O LITORAL foi distinguido com um livre-trânsito, que penhoradamente agradece.

Circuito de Rio Maior

Nesta competição, em que triunfou António Pisco, do Águias de Alpiarça, os ciclistas bairradinos, no pretérito sábado, conseguiram estas classificações: Antonino Baptista, 6.º; José Calquinhas, 8.º; e Fernando Henriques da Silva, 11.º. Participaram, também, corredores da Ovarense, mas não pudemos averiguar quais as suas classificações.

Colectivamente, venceu o Águias de Alpiarça, seguido pelo Sporting, Benfica, Sangalhos, Ovarense e Belenenses.

12 Voltas à Gafa

No domingo, no Bombarral, teve lugar a prova ciclista em epígrafe, em que José Calquinhas e o Sangalhos obtiveram excelentes êxitos.

O sangalhense Calquinhas venceu, bastante isolado, e os seus companheiros de equipa conseguiram o 5.º (António Ferreira) e o 7.º lugar (Aquiles dos Santos), ambos com o mesmo tempo do 2.º, o alpiarcense António Pisco.

Por equipas, o Sangalhos também ganhou, seguido pelo Águias, Benfica, Ginásio de Tavira, Sporting e Belenenses.

● Em Cucujães, o grupo do Atlético local derrotou, com dificuldade, a turma do Arrifanense, por 3-2.

Duas notas, a fechar

★ Encontra-se em Aveiro, cedido pelo Benfica ao Beira-Mar, o extremo-esquerdo PAULINO, que jogou no Desportivo de Chaves, na época finda. Este elemento alinha já amanhã, em Oliveira de Azeméis, onde, no entanto, não se deslocam Violas e Diego, por estarem lesionados.

★ Na sede da Associação de Futebol de Aveiro, efectuou-se, na quarta-feira, o sorteio dos jogos do Campeonato Distrital de Juniores, que tornaremos conhecido na próxima semana.

A prova incia-se em 2 de Outubro.

Xadrez de Notícias

grupos nortenhos e com o campeão do Centro (Minas da Panasqueira), estão a disputar a primeira fase do Campeonato Nacional da modalidade.

O futebolista Cobrita, defesa do Beira-Mar, recebeu convite para se transferir para o Recreio de Águeda. Brito, outro back beiramarense, dado como certo no Caldos, ingressou no União de Coimbra.

O já famoso guarda-redes brasileiro que o Sporting acaba de mandar vir do Brasil, o jovem Aníbal, do Palmeiras, é natural do nosso Distrito! Nasceu, precisamente, na Mourisca do Vouga.

No sábado, a Associação de Futebol de Aveiro promoveu a já habitual festa de confraternização entre os seus dirigentes e os representantes dos clubes do Distrito.

A' simpática reunião, que foi presidida pelo Vice-presidente da Federação, sr. Dr. Carlos Costa, faremos mais desenvolvida referência na próxima semana.

Em Aradas, no pretérito domingo, o Real Desportivo de Aveiro derrotou, num desafio amigável de futebol entre populares, o Sport Clube da Glória (3-1).

O Sporting da Vista Alegre desistiu da sua anunciada participação no Campeonato Distrital de Reservas, em futebol. Assim, amanhã, e por esse motivo, o Recreio fica de folga.

A última Jornada do I Campeonato de Portugal de Motonáutica vai realizar-se em Setúbal, amanhã, 11 de Setembro.

Bons prémios

No domingo, aveirenses do Beira-Mar, do Galitos e do Sporting de Aveiro, competiram no Concurso Internacional da Póvoa de Varzim.

Os beiramarenses não classificaram nenhum dos seus representantes; mas, as outras colectividades citadinas conseguiram honrosíssimas posições, alcançando excelentes prémios, entre 285 concorrentes.

O Galitos, individualmente, ficou em 2.º, 34.º, 35.º, 37.º e 38.º; por clubes, foi 3.º; e, por equipas, foi 3.º, igualmente.

O Sporting de Aveiro, com o 3.º lugar da tabela individual, foi o 7.º, por clubes, e o 5.º, por equipas.

Belo exemplar

Pelo conhecido pescador desportivo Manuel Ribeiro Fernandes, do Galitos, foi apanhada há dias, na Barra, uma enorme corvina, que pesava mais de 30 kg..

A luta com o excelente exemplar — o maior de quantos até hoje foram capturados, em Aveiro, por desportistas — durou 3 horas e 10 minutos, despertando enorme curiosidade entre as numerosas pessoas que acorreram ao paredão para assistir ao combate entre a força do peixe e a destreza do pescador.

Ronda pelos Clubes do Distrito de Aveiro

também dispensados Armando, Joaquim, Baptista e Lopes, este para ingressar no Feirense.

● Em grande evidência, na época finda, o ARRIFANENSE pretende continuar a «botar» figura.

E, deste modo,

1 — Amudsen Rosatto, argentino, substitui Rui Araújo na orientação dos jogadores. 2 — Virão, além de Rosatto, da Sanjoanense, Anselmo, do Desportivo de Chaves, Lima e Constantino, ambos do grupo de S. João da Madeira; no entanto, há outros reforços em perspectiva... 3 — Saíu Macedo, para o Pejão.

● No SPORTING DA VISTA-ALEGRE, obtivemos as seguintes respostas:

1 — Continua, como treinador-jogador, Roqui. 2 — Machado, antigo médio reservista do Beira-Mar, será definitivamente cedido pelo Vitória de Guimarães; virá, também, um júnior aguedense... 3 — O guarda-redes Balacó transferiu-se para o Sporting.

● Em Santa Maria de Lamas, o regressado *team* do UNIÃO DE LAMAS também traz alguma coisa para contar...

1 — Milucho, espanhol, que esteve em Espinho e no Peniche, será o treinador. 2 — Américo foi reconquistado para as lides futebolísticas, após dois anos de afastamento, estando também assegurado o concurso de Sá, ex-júnior do Futebol Clube do Porto. 3 — Em contrapartida, o interior Moreira é baixa a considerar, pois ausenta-se para França.

● Vizinho e rival de longa data, o LUSITÂNIA, em Lourosa, possui igualmente novidades que interessa registar. Vejamos:

1 — O antigo internacional Frederico Barrigana é o orientador técnico. 2 — Entram, como reforços, Monteiro, do Desportivo de Chaves, e Coimbra, do Futebol Clube do Porto. 3 — Não há deserções.

● No tocante ao CESARENSE, apurámos este movimento de atletas:

1 — José Tavares permanece como treinador. 2 — Virá, emprestado, o ex-júnior oliveirense Diogo. 3 — Abandonam, para de novo ingressarem na Oliveirense, Nogueira e Virgolino.

● Finalmente, no que respeita aos grupos da I Divisão Distrital, surge-nos o ATLÉTICO DE CUCUJÃES. Respostas, quase sintéticas, que nos foram dadas:

1 — Eurico, antigo médio oliveirense, é o treinador. 2 — Virá Mário Silva, da Sanjoanense. 3 — Não há qualquer abandono.

No concernente aos quatro grandes aveirenses, teremos:

FEIRENSE

1 — Continua o espanhol José Martinez DIESTE. 2 — Estão já certos Rui Maia, da Académica, Lopes do Pejão, e ainda Zeferino, guarda-redes que o Futebol Clube do Porto cedera no final da época transacta. No entanto, há outros jogadores em vista, entre eles o Dr. Malícia, da Académica. 3 — Ninguém sairá.

OLIVEIRENSE

1 — Entrou Alexandre PEICS, húngaro. 2 — Virá Lélé, do Recreio de Águeda, e, possivelmente, Valdemar, ex-júnior do Sporting e do Académico visiense. Alves Pereira pode, também, vir a surgir na defesa das balizas oliveirenses... Regressam, ainda, alguns reservistas, cedidos, por empréstimo, a colectividades da região. 3 — Sòmente está duvidoso o concurso de Celso, que o serviço militar levou para Tavira e, possìvelmente, representará um Clube do Sul.

BEIRA-MAR

1 — Continua o argentino Anselmo Hugo PISA. 2 — Foram já transferidos, encontrando-se, portanto, aptos a alinhar nos beiramarenses: Herlander Jurado, do Benfica; Laurindo Leal (Louceiro), do Académico do Porto; Amândio Santos, do Desportivo de Chaves; Ruben Garcia, argentino do Farense; e Miguel Norte, do Belenenses. O Beira-Mar possui já, também, a carta de desobriga de Amaral, dianteiro reservista do Benfica; no entanto, a sua vinda para Aveiro está dependente da sua transferência, como militar, de Sacavém para uma Unidade próxima da nossa cidade. Na hipótese de se não poder contar com Amaral, o Beira-Mar deverá conseguir o concurso de um elemento que já actuou, com muito agrado, nas suas fileiras. Também virão o angolano Benedito e Paulino. 3 — Sairam Raimundo, para o Desportivo da Corunha, Mota e ainda Brito, que, apesar de ter sido dado como certo no Caldas, parece que vai ingressar no União de Coimbra.

SANJOANENSE

1 — Entrou Oscar TELECCHEA, argentino. 3 — Encontram-se assentes Antonnete, do Desportivo de Beja, e Coutinho (antigo beiramarense), do Farense. Apolinário (outro antigo amarelo-negro, do Atlético) já não interessa à Sanjoanense, que, no entanto, pensa noutros reforços. 3 — Sairam Medina, Rosatto, Lima e Bastos, e alguns reservistas.

F★U★T★E★B★O★L

Beira Mar - Oliveirense

protestos de castigo máximo, quando Miguel foi derrubado, tendo de sair em braços, percorreu todo o comprimento do rectângulo sem dar atenção aos sinais dos seus auxiliares e dos atletas — por esse motivo ouvindo um coro de prolongados e merecidos assobios, que só ele poderia ter evitado, cumprindo com o seu dever. Errou, de forma gritante, nas expulsões que ordenou: na primeira (do oliveirense Pinho II), sem razão alguma, dado que o atleta não foi incorrecto; na outra (do aveirense Miguel), sem motivo e só por vingança, dado que momentos antes, e bem, repreendera o referido jogador. Aliás, se entendia que esses elementos (Pinho II e Miguel) se encontravam a mais no recinto, o sr. Santos Pereira devia, antes, pedir aos capitães dos grupos os fizessem substituir: na realidade, até o árbitro veio a proceder assim, ao consentir que, no segundo tempo, os oliveirenses surgissem completos. E... fiquemos por aqui. Actuação decepcionante e sumamente desagradável.

Jogo de Infantis

Antecedendo a partida de seniores, os infantis da Oliveirense e do Beira-Mar efectuaram uma partida amigável, dirigida pelo atleta aveirense Carlos Alberto Sarrozola.

As turmas apresentaram:

BEIRA-MAR — Alfredo (Augusto); Freire (Barreto), Guilherme e Martinho; Santos (Zito) e Christo (José Adérito e Helder); André, Carlos Alberto, Bairrada, João Domingos e Pimenta.

OLIVEIRENSE — Teixeira; Fernando, Leite e Neves (Alcides); Rodrigues e Arcílio; Domingos (João Carlos), João, Amândio, Santos (José) e Joaquim (Joaquim).

A partida agradou. Melhor dotados fìsicamente, os visitantes — possuidores, também, de mais evoluídos conhecimentos — venceram muito justamente. O desfecho final (4-1, com 2-1 ao intervalo) ajusta-se ao desenrolar da partida.

Vários jovens se salientaram, num e noutro xadrez. Os tentos foram obtidos por Amândio (2), Santos e João Carlos, pela Oliveirense; e por Carlos Alberto, pelo Beira-Mar.

Noutros Recintos

● Em Lourosa, o Feirense venceu, por 4-0, a turma do Lusitânia.

● Em Águeda, o Recreio recebeu a visita do Vilanovense, terminando a partida com uma igualdade a duas bolas.

O argentino Garcia, com um oportuno golpe de cabeça, alcançou, deste modo, o quarto golo do Beira-Mar, no encontro de domingo, com a Oliveirense.

Editorial

TEMOS presente o regulamento de mais um concurso literário — o segundo — do Grupo Atlético Vareiro, e não queremos deixar de fazer uma referência especial a esta realização dos diligentes académicos de Ovar.

Concurso aberto a todos os rapazes e estudantes de Portugal, engloba, no seu programa, trabalhos em poesia, prosa (ficção) e, julgamos que com carácter dum certo ineditismo, a apreciação dum romance português de autor contemporâneo, à escolha do concorrente.

Pela categoria insofismável do júri e pelo interesse evidente do certame, daqui recomendamos aos nossos leitores que o prazo para entrega dos trabalhos termina em 30 do corrente.

E felicidades aos promotores do concurso — alguns, colaboradores de *Vœ Victis!*, e todos, estamos certos, nossos amigos.

Para a frente!

Direcção de

JAIME BORGES e PEREIRA DA SILVA

O Modernista e o Clássico

Por: MANUEL PEREIRA GAMELAS

UM odorífero moço picassianista com aspecto de Sócrates contemporâneo e gestos desempoeirados à Vittorio de Sica, desfolhava, com ignorância absoluta, as páginas ultra-estafadas da «*Life*» que estava sobre o balcão do «*Snack-bar*». É *snob* ler-se (o que não acontecia neste caso) uma revista estrangeira. Mais: é puro modernismo. Fica-se apto a discursar sobre o obtuso bigode de Salvador Dali; imitar as crises neo-realistas-bardotianas de Jacques Charrier; parodiar com as galinhas com dentes da Brasília e os abstractos, pálidos e olheirentos nervosismos do Onassis, da Callas, do Cluzot; conhecer as mais anárquicas páginas literárias francesas pela pena da Sagan; e admirar os mais rumorosos «deficits» vestuários da Loren, da Lollo, da Collins e da Van Doren...

Pois bem. O odorífero moço era propagandista da Arte Moderna. Exaltava-a. Amava-a. Sorvia-lhe o perfume de galinheiro. Queria-a, assim como Offenbach queria o *Can-Can*. O seu aspecto, mesmo, era de Arte Moderna. Media-se em rotações por minuto. Triste, alegre, carrancudo?!...

Desfolhando a revista, não dá pela aproximação do velho criado, que pergunta:

— *Um «fino», freguês?*

Quietude. Anestesia.

— *Um «fino», freguês??* — pergunta de novo a esfíngica figura do empregado.

Silêncio grave. Tédio. Sonolência.

Inesperadamente;

— Eis o que é a Arte Moderna. A Glória, os Pirinéus, os Alpes da evolução do homem. Eis o progresso, a explosão da inteleligência no seu mais alto idealismo. A Arte Moderna é todo o pensamento de 2000 anos. Levou tempo a abri-la, a rasgá-la, mas concretizou-se a ideia de milénios de erros e devassidões. Com a Arte Moderna fez-se a desintegração total do classicismo asqueroso e debochado — vocifera o picassianista, com gestos *snobs* mostrando uns rabiscos da revista ao estupefacto empregado.

— *Um «fino», freguês?* — pergunta, com um sorriso nos lábios, o mortiço empregado.

— Por que se ri? — grita-lhe o evoluído.

Com auto-domínio de super-homem nietzcheano, o velho empregado, encostando-se ao parapeito do balcão, sorrindo sempre, remata-lhe:

— Por que será a Arte Moderna o ponto culminante da inteligência humana? Porquê? Não será, antes, a dessoração completa da conciência, da moral, da própria Arte? A Arte Moderna surgiu dos escombros de um cataclismo, portanto é a sombra desses escombros angustiosos. Sim, é angústia, esventramento da verdade, puro snobismo. Com «ela» surgiu a desmoralização do indivíduo, que, transformado em *snob*, se deixou enlear pela hipocrisia e crassa estupidez. Que representam esses rabiscos? Escombros, ruínas, terramotos em que a Arte sucumbiu. Modernismo, modernismo... Sintetização total da Cultura, que a Humanidade esculpiu e tanto alicerça e serve de gilh fa em horas de ócio nas mesas dos clássicos.

O moço evoluído espumava de ira e revolta. Os olhos, muito abertos, pareciam querer sair-lhe da cara. Pulha — pensará, olhando o velho empregado. Ardendo em chamas de Arte Moderna, ataca:

— Que seria este «snack-bar» sem a Arte Moderna? Repare nestes baixos-relevos, nos recortes das cadeiras e das mesas... Veja, seu palerma. Tudo isto é Arte Moderna. Tudo isto é evolução, lucidez, modernismo da inteligência humana. Que nos interessam essas dessorações que para aí atirou com tanta peraltice? A culpa não é nossa, claro. A nós interessa-nos a Arte pela Arte. Só. Unicamente. Arte e só Arte. A verdade é dos filósofos, a consciência dos psicanalistas, a moral dos pedagogos e a Arte exclusivamente dos artistas. Dessorações... anh!!!

O empregado, risonho,

Continua na página 2

A BARCA PODRE

CONTO DE JOSÉ JULIO FINO

UNS palmos de terra fria, umas flores meias ressequidas, uma lápide branca e nua...

— Será possível que estejam ali a minha mulher e o meu filho? Aqueles que eu amei, por quem tanto lutei, companheiros leais da minha vida?... Mas... como posso proferir a palavra lealdade se fui eu quem a afastou do nosso lar?

Tudo destruí, porque fui egoísta e cobarde. Fugi... abandonei a minha casa, acompanhada apenas pelas tristes lágrimas da minha esposa, que adivinhou os meus negros intentos quando me despedi com um seco «até logo».

— Por que fui tão ignóbil? Parti... porquê?

Loucas ideias varriam o meu cérebro atrofiado por pensamentos que me tresloucaram.

«O meu matrimónio não vale nada? Como me pude tornar tão vulgar, tão igual aos outros? Eu não quero viver uma existência inteira amarrado a uma família pegajosa e senil!...»

«Casei para quê? Essas «bonecas» que passam nas ruas tão modernas e cheias de espírito estão-me proibidas, pois o sagrado nó do casamento não tolera nem permite que o homem seja bígamo.»

Sentia-me só? Talvez!

Eu necessitava de alguém que me sorrisse com amor, amparasse o meu caminho com meiguice e carinho...

«Mas eu quero viver, quero ser livre...». Esta ideia não me abandonava nunca.

O meu filho, o meu pobre filho...

Como fui estúpido! E agora?

Choro como uma criança, chamo-me cobarde, mesquinho, inconsciente. Errei cruelmente, quando abandonei tudo e todos, quando derrubei todos os meus ideais de anos de sonhos.

Quero voltar atrás, reviver tudo, limpar a minha mancha...

Mas é tarde, horrivelmente tarde.

Estúpido fui-o realmente, mas não por ter decidido consagrar a minha vida a uma mulher simples, que me adorava e me enchia dos seus mais amorosos afectos, mas sim por ter partido para o vazio, para regressar sem nada e com a alma cheia de remorsos.

Sinto-me morrer de vergonha e dor! Amarfanhei a minha felicidade!

A minha casa sem ninguém, deserta como um ermo!

Eu, que sonhei sempre com um lar quente e aconchegador, vulgar como tantos outros, mas feliz, com filhos e com uma companheira que me adorasse.

Ah! se eu pudesse fazer recuar o tempo...

Tudo destruí ruindo no sopro do meu miserável procedimento. Desmantelei o amor, envenenei a alma, quase enlouqueci.

Má formação a minha? Educação fraca?

Para amar, para ser feliz com alguém que nos quer, não é necessário ser-se letrado ou possuir uma inteligência brilhante.

Neste aspecto todos somos iguais!

Eu é que não soube distinguir o amor do artificialismo, a afeição da perversidade, a vida feliz do vegetar.

E agora? Que posso fazer?

Nada... absolutamente nada!

Acabei com tudo, até com vidas, dando-lhes apenas desgostos e privações, levando-as ao ponto máximo da fraqueza física; soube enfeitar-me com sorrisos artificiais e cheios de

Conclui na página 2

A ÚLTIMA HORA

O vento soprou todo
e ainda esperei
que a bonança me erguesse
de todo aquele lodo
que me empastava o corpo...

O mar se encheu
e assim mesmo fiquei
na esperança
de ver a aurora surgir
e o vento bulir
os meus cabelos parados...!
Mas em vão!

Só o pensamento agia
naquela manhã fria,
como que força estranha
me tivesse manietado o corpo
e enleado a alma!
Então gritei!

Mas a minha voz não se ouvia
em toda aquela imensidade
de areia...
que eu já não sentia...!
E chorei!

Por fim, passado longo tempo,
fugi àquele tormento
que tanto me tinha retido.
E só então compreendi
que tinha morrido!

Versos e desenho de JEREMIAS BANDEIRA

Linóleo de JOÃO VASCONCELOS

Litoral

ANO SEXTO N.º 307

Aveiro, 10 de Setembro de 1960

UM JORNAL DE TODOS E PARA TODOS — em que cabem TODAS AS OPINIÕES HONESTAS; que aceitará TODAS AS SUGESTÕES INTELIGENTES; porta-voz de TODOS OS ANSEIOS LEGÍTIMOS

AVENÇA